

O texto escolhido para este trabalho foi o conto da escritora Marilene Felinto, chamado "Segunda Classe", publicado recentemente no livro "Mulher Feita e Outros Contos". Para começar do início, como quando se começa a primeira leitura de um texto, procurarei analisar o título do conto. Pode-se imaginar, com esse título, que cria uma expectativa e de certa forma promete algo ao leitor, que a história irá retratar certa classe social marginalizada, inferiorizada a uma "primeira classe", ou que irá tratar de algo que não tem tanto prestígio. De fato, o conto explora essa perspectiva, sob a lente de uma mulher.

Assim como o quadro "Segunda classe", pintado por Tarsila do Amaral, que retrata famílias pobres em frente a um trem (indicado como "segunda classe"), a obra de Felinto parece pintar um quadro parecido. Pretendo analisar a forma como os movimentos são feitos através da estrutura do conto, que ora garantem dinamicidade ao tempo presente, e também uma visão estética, como uma pintura, da mulher que ela observa, e que ora mergulha-se na subjetividade e na memória dessa mulher, que também assemelha-se a uma pintura, em contraposição ao trem em alta velocidade e as interferências externas. Dessa forma, o intuito dessa análise é demonstrar como a estrutura contribui para o efeito de sentido que foi extraído do conto pela minha leitura. Decerto, há regras em todas as narrativas, "regras que vêm de uma lógica milenar da narrativa, de uma forma simbólica que nos constitui antes de nosso nascimento, em suma, desse imenso espaço cultural de que a nossa pessoa (de autor, de leitor) não é mais do que uma passagem" (BARTHES, 2004, p. 29). Portanto, apesar de a análise passar pela minha leitura, a leitura nunca é apenas individual, como foi explicitado acima.

De acordo com Norman Friedman, "O 'ponto de vista' vem se tornando uma das distinções críticas mais úteis disponíveis hoje ao estudioso da ficção" (FRIEDMAN, 2002, p. 167). Nesse sentido, esse aspecto do texto também será analisado. O conto é um texto em primeira pessoa, isto é, a narrativa, aqui, é contada a partir da perspectiva da narradora, e, para utilizar o termo de Friedman, o que temos é uma narradora-protagonista. Esse tipo de narrador "encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos,

sentimentos e percepções" (FRIEDMAN, 2002, p. 177), e portanto, suas experiências subjetivas e de interação com o mundo é que irão dirigir e compor essa história.

A narradora-protagonista é uma mulher que viaja de Berlim para Munique em um trem de alta velocidade. Logo no início, compreende-se que ela não pertence aquele lugar, àquela "terra estrangeira". Ela observa então, uma mulher branca e loira que come um ovo cozido com a mão, o que provoca nela um estranhamento e um certo nojo. Ela descreve a mulher, retratando: "tinha a mesma cor da clara e da gema, a mesma cara do ovo cozido" e depois complementa, "era daquelas estrangeiras, mas não era bonita – tinha cara de melancolia e era pobre (...)" (FELINTO, 2022, p. 33)¹.

Logo no começo do conto, percebe-se que há um esforço da narradora de pintar esse quadro, comparando as cores do ovo com as cores do cabelo e da pele da outra mulher, e, associando a imagem ao sentimento de nojo, o que também reflete a suas negações e recusas à segunda classe, e às interações com a mulher passageira, que veremos mais adiante.

Depois, ela reflete sobre o nojo do ovo, que se relaciona com o fato de que, ela pondera: "do ovo, sempre preferi a clara: a gema lembra, ainda hoje, as gemadas obrigatórias que nos faziam engolir na infância" (p. 34). Assim, ela relembra além das "gemadas obrigatórias", os fortificantes, os laxantes e os purgantes que faziam-na tomar, todos esses despertavam nela essa ânsia. Em meio a essas lembranças de infância, ela pinta novamente aquele mesmo quadro, agora, mais explícito ainda: "O ovo cozido misturava-se ao branco-e-amarelo da pele e do cabelo daquela mulher passageira" (p. 34).

Faço essa analogia à pintura, não apenas pela semelhança da descrição, em que ela utiliza-se da mescla de cores para relacionar o nojo do ovo ao certo nojo que ela sente da mulher passageira, mas também porque há uma contraposição: a paisagem em movimento, o trem que corre, e as tentativas de interação por parte da passageira que virão em seguida. Assim, depois desse resgate às suas memórias de infância, ela se coloca novamente no

¹ As próximas citações referentes ao conto analisado irão conter apenas a numeração da página. Para outras citações, a referência será feita normalmente, como esta, entre parêntesis.

tempo presente, naquele "vagão de segunda classe", e pensa que a mulher nem imagina que ela olha com esse certo nojo para ela: "Até que, lá do fundo daquela língua estrangeira, ela me perguntou se eu queria um ovo" (p. 34). É nesse ponto em que aquela que era apenas uma imagem mental, uma pintura de uma mulher, toma vida e fala com ela – em uma língua estrangeira. E é nesse ponto também, em que podemos observar uma transformação no enredo, que passará a contar com diálogos. Essa parte do conto é de suma importância para que a história avance, visto que, "uma mera sequência de acontecimentos não faz uma história" (CULLER, 1999, p. 86), é preciso que haja um desenvolvimento desse estado anterior, de apenas observação para a ação.

A narradora nega a pergunta por impulso, na língua da outra mulher, e reflete que: "(...) as negativas, as recusas, em várias línguas, todas parecidas, todas fáceis de, quase que mecanicamente, adivinhar, pronunciar, dizer (...)" (p. 35).